

A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL RITMADA PELAS ESCOLAS DE SAMBA

Juliana Dias Coelho Paiva¹
Ana Luiza Provenzano Marques Santos²
Andressa Elisa Lacerda³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a importância dos espaços de samba como locais de aprendizagem não formal, sob a ótica dos estudos sobre a cultura afro diaspórica. Partindo da comum visão de que somente a educação restrita nas quatro paredes da sala de aula é válida, é necessário que olhemos para as possibilidades de outros espaços com saberes próprios que não são conduzidos pelas heranças de uma escola ultrapassada em que o aluno é posto no papel de um espectador solitário e tarefeiro. Nesse sentido, as escolas de samba do Rio de Janeiro, tecidas por saberes africanos, mostram-se como genuínas promotoras de festividade, afetividade, coletividade, acolhimento e conhecimento. Partindo da literatura infantil “Os Ibejis e o Carnaval”, de Helena Theodoro e a partir de uma perspectiva teórica composta por Bourdieu (2003); Bell Hooks (1994); Hampâté Bâ (2010); Spirito Santo (2016) entre outros, será possível compreender a profundidade dessa abordagem. Iniciativa do projeto de extensão Acervo Universitário do Samba (UERJ)⁴, a proposta aponta como o samba e as escolas são instrumentos pedagógicos para uma educação emancipatória, que valoriza a memória e a cultura popular.

Palavras-chave: Samba; Educação; Coletividade.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, julianadiaspaiva@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, analuzaprosantos@gmail.com;

³ Professora de geografia do Instituto de Aplicação da Unidade Estadual do Rio de Janeiro - CAp-UERJ, andressa.lacerda@gmail.com

⁴ Projeto de Extensão “Acervo Universitário do Samba”, supervisionado pelo departamento da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UERJ, (DEPEXT).

INTRODUÇÃO

Estudos recentes, sob uma perspectiva contra-hegemônica, têm revelado novas interpretações acerca de diversas esferas, incluindo a educação. Essa abordagem, ainda emergente, considerando o longo período em que a ordem epistemológica foi dominada por ideais eurocêntricos e cristãos, têm contribuído para a ampliação das possibilidades de se conceber e praticar o ensino pedagógico. A visão tradicional, que restringe a educação a um espaço delimitado por uma única corrente de pensamento, limita o acesso a uma diversidade de saberes que moldam a forma como o estudante compreende e interage com o mundo. Essa perspectiva confina o aluno a uma posição passiva no processo de aprendizagem, em vez de reconhecê-lo como agente ativo na construção do conhecimento.

A concepção tradicional de jardim de infância originou-se a partir da ideia de que o professor é o jardineiro responsável por cultivar as crianças como pequenas plantas. Munido do seu regador pedagógico, ele deveria fazer brotar e crescer as mudinhas, preparando-as para florescer no mundo natural. Essa visão, que coloca o professor como protagonista absoluto no processo educacional, permeia profundamente o imaginário coletivo e tem contribuído para o desenvolvimento de práticas autoritárias que prejudicam as relações educativas. Paulo Freire (1996), ao evocar o auxílio mútuo inspirado no amor cristão, propôs que a educação deveria centralizar-se no princípio da solidariedade. Para ele, é na convivência afetuosa e respeitosa com os alunos, reconhecendo que o professor não detém todo o conhecimento necessário, que a verdadeira educação deve se desenvolver. Nessa perspectiva, o educador não é um protagonista isolado, mas um facilitador do processo de aprendizagem, incentivando a autonomia e a curiosidade dos alunos. É fundamental repensar o papel do professor não como transmissor de conhecimento, mas como um guia que estimula a descoberta e o desenvolvimento dos educandos. A colaboração, a empatia e o respeito mútuo entre educador e educando são essenciais para criar um ambiente educacional rico e inclusivo, onde todos possam aprender e crescer juntos, respeitando e valorizando a pluralidade de saberes e experiências de cada aluno.

Partindo da reflexão de Freire, é essencial pensarmos no samba como um instrumento de formação de saberes e fomentador de espaços solidários. O samba é mais do que um gênero musical, é um testemunho vivo da cultura negra que produz lugares ricos em saberes legítimos e que merecem reconhecimento no ambiente formal

de ensino. Entendendo que a necessidade do ritmo, referida por Spirito Santo (2016), se ancora nas salas de aula, podemos lançar o seguinte questionamento: De que maneira podemos compreender os nuances de uma educação tradicional pautada no educar que não dialoga com as expressões populares e que, por consequência, não se ajusta ao seu público-alvo, as crianças? Partindo da escolaridade tradicional, pautada no amansamento de corpos, onde não se pode haver outros tipos de pensar se não for o convencional, ordenado num pensamento cartesiano, que não se tangencia com saberes coletivos, identificamos a transformação da trajetória escolar numa jornada solitária e pouco diversa. Nesse sentido, a proposta do seguinte artigo se ancora na necessidade de enxergar o papel das escolas de samba como agente capaz de oferecer uma maneira didática e distinta de ensinar, resgatando memórias e saberes ancestrais, invocados pelos batuques e cantos de seus sambas, transmitindo assim conhecimentos antes subalternizados.

A função pedagógica das Escolas de Samba se inicia com a escolha do enredo, que se resume na história que será contada através do samba-enredo. Durante a elaboração da temática, a agremiação decide sob que perspectiva irá abordá-lo. A partir desse momento, surgem inúmeras interpretações do que pode ser trabalhado para compor o ponto de vista enredado, tendo como possibilidade contar a versão apagada e marginalizada de episódios do percurso da humanidade. A decisão de transmitir interpretações alternativas, tendo em vista as reivindicações dos componentes da Escola de Samba, propõem novas formas de enxergar o mundo que alcançamos e ensinamos, por meio do festejo, do canto, do batuque e da dança, dessa forma, remontado uma sapiência ancestral de se difundir conhecimento.

Os enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro são capazes de se encaixar na mediação didática de diversas áreas do conhecimento, tendo como exemplo o Paraíso do Tuiuti, agremiação advinda da Zona Norte da cidade, que em 2023 contou a origem dos búfalos na ilha de Marajó, no Pará, carregando o verso “Num mar de tempestade e ventania. Foi trazendo especiarias que o barco naufragou. Noz-moscada, cravo e iguarias. No caminho para as Índias, a história eternizou”. A canção discorre sobre o naufrágio que povoou a ilha com a espécie de búfalos não-nativa, demonstrando ao longo do samba a adaptação dos animais a dinâmica do local e da população, assim podendo notar o potencial que este samba tem para ser material didático em aulas sobre

a biogeografia do planeta e a distribuição dos seres vivos por ele, para uma aula de Geografia ou Biologia ministrada para a educação básica.

Considerando a importância das narrativas expostas pelos sambas de enredo, pode-se observar a relevância que eles alcançam na luta social e por reivindicação de direitos privados para parte da sociedade. A Inocentes de Belford Roxo, Escola da Baixada Fluminense, em 2024 ocupou as trincheiras para falar sobre o princípio do trabalho informal no Brasil e seus desdobramentos, apontando a desigualdade social e as poucas oportunidades que uma parcela da população sofre, explicitada nos seguintes trechos: “Nos traços o trabalhador de ganho, ô ô ô. E a Negra Mina quituteira. Na esquina da oferta e do barganho” e “Eu fui pro informal. Por falta de oportunidade. A margem da sociedade”, percorridos durante o samba, podem ser instrumento didático para aulas de História ou Sociologia, por trabalhar elementos residuais na estrutura social e suas consequências para o atual sistema econômico e empregatício.

Levando em conta os exemplos mencionados anteriormente, podemos vislumbrar os sambas de enredo como uma linguagem acessível que pode facilitar o entendimento. Eles representam elementos da cultura popular que incorporam traços de acolhimento, construção coletiva e narrativas subversivas, essenciais para uma formação educacional sem amarras. Além disso, promovem a criatividade como uma ferramenta de diálogo tanto dentro quanto fora da sala de aula. A proposta de utilizar sambas de enredo dentro do ambiente escolar é uma proposta por si só transgressora, tendo em vista o modelo educacional tradicional predominante. Nesse sentido, é imprescindível acompanhar o movimento que as Escolas de Samba têm realizado a fim de dialogar com o ensino e com a escolaridade, tendendo uma nova e, ao mesmo tempo, ancestral forma de aprender.

Outro aspecto relevante a se pensar, diz respeito ao papel das Escolas de Samba mirins na formação dos estudantes. Essas escolas, voltadas para crianças e adolescentes até os 17 anos de idade, oferecem uma oportunidade única de envolvimento nas dinâmicas das agremiações, participando de projetos sociais, aprendendo nas alas das escolas e participando de atividades extracurriculares como cursos preparatórios para pré-vestibular comunitários. Esses espaços não apenas imaginários, mas físicos, proporcionam um ambiente de acolhimento e valorização da cultura e do conhecimento.

Portanto, no decorrer deste trabalho será possível observar quais são as brechas encontradas para driblar a educação descrita no questionamento inicial desta introdução, entendendo quais são os instrumentos possíveis para ritmar uma educação inclusiva, múltipla e que abarca a cultura de festejo como cerne para ver e sentir o mundo, buscando sentido e função no que é aprendido e dialogado.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos apontados, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico que explorou a interseção entre samba, carnaval e educação. Este levantamento inclui referências que destacam a importância de adaptar o ensino ao contexto vivenciado pelo educando, visando aprimorar a comunicação durante o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, conduzimos entrevistas com componentes da histórica Escola de Samba dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira, a Portela, as quais compartilharam suas experiências sobre como o samba influenciou suas trajetórias acadêmicas e como reconheceram o compromisso social e educacional dos enredos que desenvolvem.

O trabalho de campo como elemento metodológico se mostrou fundamental, pois envolveu visitas à quadra da Escola de Samba, permitindo compreender o caráter formativo do samba. Tendo em vista a G.R.E.S Portela, as atividades e os eventos que ali ocorrem, como a Fliportela, a feira literária da Portela, a Escola de Samba se torna, além de um ambiente de socialização, um lugar onde narrativas subversivas tomam contorno, ressignificando o que pode ser considerado como espaços de aprendizado e enriquecimento intelectual na formação docente. Para trilhar caminhos futuros, é importante revisitar o passado, entendendo assim o valor da herança ancestral nos saberes hoje desenvolvidos, sejam eles cantados, dançados, lidos ou falados, por isso este trabalho se utilizou destas explicações como método.

REFERENCIAL TEÓRICO

“se queres saber quem sou, se queres que eu te ensine o que sei, deixe um pouco de ser quem tu és, e esquece o que sabes” (Bâ, 2010, p. 212).

A lenta valorização das manifestações culturais negras encontra-se no cerne de debates contemporâneos que buscam dismantelar as concepções racistas perpetuadas ao longo de séculos de produção intelectual e científica europeia. O conhecimento sobre a África e sobre o negro, foi amplamente moldado pelos pressupostos do racionalismo e do pensamento ocidental, que delinearão um saber moderno, impondo princípios políticos, éticos e morais sobre o que seria legitimado como científico e verdadeiro. Esse vínculo entre conhecimento e poder, conferiu à produção de conhecimento um papel de dominação simbólica, onde aqueles considerados “capazes” e “mais bem dotados”, ou seja, intelectuais europeus brancos, tornaram-se os legítimos intérpretes do mundo negro. Essa produção, parte de uma Biblioteca Colonial, foi elaborada principalmente entre os séculos XIX e XX por antropólogos, biólogos, historiadores e outros profissionais europeus, cujas obras eram enviadas para a Europa, constituindo a base de uma visão estereotipada de África e de suas comunidades. Essas representações eram marcadas pela categorização do continente africano como uma terra sem cultura, sem nações, sem Estado e, portanto, sem história. O “desconhecido” foi transformado em “negativo” e as lacunas de conhecimento sobre as sociedades africanas foram preenchidas com suposições discriminatórias que consolidaram uma imagem depreciativa do continente, legitimando, assim, os discursos e as práticas coloniais.

A atividade de “conhecer” passou, nesse contexto, a ser vista como um privilégio daqueles que, na visão ocidental, eram considerados superiores e “dotados” de capacidade intelectual. A tarefa de criar um novo entendimento do mundo e de suas culturas cabia aos intelectuais europeus, que, munidos de preconceitos, interpretavam o continente por meio de lentes distorcidas e gananciosas. Essas interpretações influenciaram o pensamento e os estereótipos que perduram até hoje. Ao afirmar que a África não possui história por não possuir a escrita, o discurso colonial estabeleceu uma dicotomia entre “civilização” e “barbárie”, onde o Ocidente, autoproclamado civilizado, ocupava uma posição de superioridade em relação às sociedades africanas. Tal visão justificava tanto a exploração quanto a dominação cultural e intelectual, além de sustentar o ideário colonial de que os africanos deveriam ser “civilizados” por meio de práticas impostas de fora. Esse discurso ignorou a complexidade das sociedades africanas, desvalorizando sua cultura e apagando seu protagonismo histórico. O termo “colonialidade do saber” cunhado por Aníbal Quijano (2005) é uma ponte fundamental para compreendermos como a herança estrutural e sistêmica do eurocentrismo molda o

entendimento epistemológico predominante nas instituições acadêmicas. Esse modelo não apenas legitima o conhecimento eurocêntrico, mas também deslegitima saberes de outras origens, especialmente o saber negro. O poder de decisão sobre o que é considerado conhecimento válido permanece nas mãos de uma elite que perpetua a ideia de que apenas a branquitude é capaz de produzir saberes significativos. Assim, toda a nossa produção de conhecimento acaba voltada para um único tipo de saber, reforçando a visão ocidentalizada e marginalizando outras epistemologias. O modo como contamos uma história e como produzimos conhecimento hoje ainda são afetadas pela imposição do colonialismo. Reavaliar essas produções sob novas perspectivas é essencial para desconstruir estereótipos que persistem e moldam a visão global sobre as culturas negras e que influenciam diversas esferas, inclusive no que tange o universo escolar.

Ao ingressar na escola, o estudante se adentra em um mundo complexo e repleto de novas experiências que pode ser um espaço de formação crítica e emancipadora. No entanto, essa mesma instituição também tem o potencial de reproduzir sentidos hegemônicos e preconceituosos herdados, como abordado anteriormente, da lógica aniquiladora colonial que historicamente marginalizaram vozes outras. É nesse ambiente que muitos alunos, pela primeira vez, se deparam com situações de racismo, discriminação e a desvalorização de sua bagagem cultural, levando-os a questionar sua identidade e pertencimento. A escola, enquanto espaço de socialização, não é apenas um lugar de aprendizados, mas também um palco onde se manifestam tensões sociais, onde as relações de poder são exercidas de maneiras profundas. Nesse contexto, o conceito de capital cultural, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2007), nos oferece uma análise interessante acerca da relação entre cultura e educação. Bourdieu argumenta que a cultura funciona como um bem simbólico, cujo acúmulo é tanto um meio quanto um resultado das distinções sociais. Quanto maior o capital cultural de um indivíduo, mais ele tende a acumular, o que fortalece sua posição nas hierarquias sociais. No campo educacional, Bourdieu observou que crianças provenientes de diferentes classes sociais possuem diferentes níveis de capital cultural, o que afeta diretamente seu desempenho escolar. As crianças de classes privilegiadas chegam à escola já familiarizadas com os valores e conteúdos ali predominantes, o que facilita sua absorção de conhecimento e lhes confere um maior reconhecimento por parte dos educadores. Por outro lado, crianças de classes pobres enfrentam dificuldades nesse ambiente, já que o capital cultural que trazem de suas experiências de vida não é valorizado ou reconhecido pela instituição escolar. O acúmulo de capital intelectual,

dentro dessa lógica, é priorizado em detrimento da diversidade de perspectivas e saberes, favorecendo uma elite cultural e intelectual que já detém os meios para dominar o campo educacional.

A legitimação de um capital cultural pode ser analisada à luz do conceito de poder simbólico proposto por Bourdieu. Esse poder simbólico refere-se à imposição de uma visão específica da realidade, que se torna legítima e naturalizada. Ao refletirmos sobre como construímos significados simbólicos, podemos questionar o que consideramos certo ou errado, belo ou feio, civilizado ou bárbaro. Dessa forma, as pessoas interpretam e agem no mundo a partir desses significados, que não são neutros, mas resultado de disputas de poder. Aqueles que detêm o poder precisam constantemente reafirmar os símbolos que consideram legítimos. Um exemplo desse processo é a civilização do Rio de Janeiro após a chegada da família real ao Brasil. Os estigmas de incivilidade, inferioridade e barbarismo foram impostos à população majoritariamente composta por negros escravizados, que habitavam a cidade. Por meio de teorias, leis e fundamentações religiosas, esses significados foram consolidados na sociedade, com repercussões que ainda hoje enfrentamos, como o racismo e a maneira com a qual olhamos para determinadas identidades de um grupo. O samba está inserido em todo esse poderoso esquema, pois se configura como uma expressão cultural que desafia e subverte esses símbolos dominantes, oferecendo uma voz outra. Levar essa narrativa para a sala de aula é essencial para a construção de saberes contra hegemônicos que valorizam o estudante.

Essa abordagem ressoa com as ideias de Bell Hooks (2013), que defende que a educação deve ser um ato de libertação e transformação social. Para Hooks, a transgressão nas práticas educacionais é fundamental para romper com normas autoritárias e criar um ambiente onde alunos e professores dialoguem de forma igualitária. Para a autora, a educação deve ser uma prática de liberdade, proporcionando aos estudantes ferramentas para questionar opressões sociais relacionadas à raça, gênero e classe. A inclusão de múltiplas vozes no currículo e a superação de hierarquias tradicionais são centrais para uma educação verdadeiramente democrática. Além disso, Hooks vê o ensino como um ato político e de cura, ajudando a lidar com os traumas sociais, promovendo uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas também transforma vidas e sociedades.

Esse entendimento se reflete na literatura infantil “Os Ibejis e o Carnaval”, de Helena Theodoro, na qual uma avó compartilha suas reflexões sobre o carnaval com

seus netos gêmeos, Neinho e Lalá. Com fala carinhosa, escutando com atenção as contribuições e questionamentos dos seus netinhos, a matriarca da família transmite através da oralidade, ensinamentos a respeito da história e cultura do samba. Ao contar sobre o mestre-sala e porta-bandeira, a avó os ensina valores ancestrais, provocando sentimento de curiosidade e encanto com o carnaval. É através dessa intimidade familiar, que Neinho e Lalá absorvem princípios como a solidariedade e o respeito às tradições, e se sentem incentivados a perpetuá-los. Cada palavra da avó carrega o peso do tempo, da experiência e da resistência de gerações que fizeram do samba e do Carnaval não apenas um espetáculo, mas um modo de existir. A história de Theodoro nos leva a refletir sobre a importância dos saberes presentes em lugares outros e suas diversas formas de manifestação. Os saberes do samba, especialmente, atravessados pelo afeto e pelo sentimento de identidade, são construídos por meio da conexão com as heranças culturais africanas. A construção do samba está ligado à fusão de culturas que tinham por objetivo comum cantar as inquietações, os amores e as memórias do negro, celebrando sua ancestralidade e transmitindo esses valores à comunidade.

Como destaca Hampâté Bâ (2010), a palavra, segundo a tradição africana, é um dom divino, e a coesão da sociedade depende do valor e respeito que se atribui a ela. Os portadores desse conhecimento, os mais velhos, conhecidos como "Griôs", são os responsáveis pela transmissão de saberes. Sua famosa frase, "na África, quando um ancião morre, é como se uma biblioteca inteira fosse queimada", enfatiza a relevância do ato de falar. A palavra é movimento e, portanto, possui a capacidade de gerar ritmos que atuam sobre os espíritos, considerados as potências da ação. Assim, a importância da canção em uma sociedade marcada pela ancestralidade se torna evidente. O samba, desde sua origem, é um grito de resistência do povo afro-brasileiro, funcionando como um campo de resistência à marginalização imposta por um pensamento eurocêntrico que coloca o negro em uma posição subalterna, deslegitimando suas expressões culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação informal se manifesta de maneiras diversas e multifacetadas, sendo os espaços do samba uma das suas expressões mais ricas e desafiadoras. Este estudo procurou investigar como os espaços do samba, como as escolas de samba e suas

comunidades, atuam como produtores de saberes e contribuidores para a formação educacional dos indivíduos envolvidos. A análise mostrou que esses espaços não só perpetuam a tradição cultural, mas também promovem uma série de aprendizagens sociais, históricas e até mesmo acadêmicas. Os espaços do samba oferecem um ambiente onde a transmissão de conhecimentos ocorre de forma divertida e subversiva.

A enredista da Portela, Bia Chaves, filha de professora de Língua Portuguesa, afirma que obteve contato com sambas de enredo desde sua trajetória escolar, nas avaliações realizadas em sala de aula, tendo o samba como referencial. Bia também destaca o enredo de 2024 da G.R.E.S Portela, o “Um Defeito De Cor”, inspirado na obra metaficcional de Ana Maria Gonçalves, Bia ressalta durante a entrevista “Em uma Escola de quase 4 mil pessoas, eu não fui a única a contar o ‘Um Defeito De Cor’”, evidenciando a potência da coletividade exercida pelo samba, onde cada componente é responsável por apresentar a história ao público, construindo o conhecimento de maneira conjunta, em meio a festa e nas diferentes esferas alcançadas: musical, visual e estética.

Entrevistando Alessandra Mendonça, diretora social da Filhos da Águia, Escola Mirim da Portela, foi ressaltada a realização das oficinas pedagógicas nos dias de ensaio, com o objetivo de explicar para as crianças e adolescentes que compõem a Escola, de maneira lúdica e participativa, sobre a história base do enredo, o significado de suas fantasias, evidenciando a significância que há por trás do desfile, desenvolvendo assim pesquisas domiciliares, para que os pais estejam a par do trabalho elaborado e que possam (re)conhecer parte da história que também os envolve.

Alessandra discorre sobre o que projeta em relação ao objetivo da Filhos da Águia, “Que nossas crianças sejam cultas, educadas e inteligentes...que possam ter respeito pelo samba, pelo sambista e pelos mais velhos.”, indicando a importância do sentimento de pertencimento e da Escola de Samba como elemento formador de cidadãos. Ambas entrevistadas exaltam a figura de Paulo da Portela, um dos fundadores da agremiação, professor e artista, que aclamava como legado a dignidade do sambista e o reconhecimento como cidadãos munidos de direitos, para que pudessem compenetrar na grande sociedade da época, branca e elitizada. Paulo foi comunicador entre duas culturas pretas existentes nas regiões norte e central da cidade, em que Bantus e Iorubás, não partilhavam das mesmas tradições devido suas origens distintas do continente

africano, afirma a pesquisadora e biógrafa Marília Barbosa para a série Centenário do Samba realizada pelo RJ primeira Edição em 2023, assim desmistificando uma ideia errada de unidade cultural diaspórica preta.

Malu Xavier, musa da Filhos da Águia, de apenas 12 anos de idade, participante do projeto “Samba Para Sempre” da diretora da ala de assistidas Nilce Fran, fala com emoção sobre seu sentimento pela agremiação “A Portela para mim é uma segunda casa, onde eu me sinto confortável, onde eu posso desabafar...quando eu piso o pé na Portela todas as coisas ruins ficam lá fora.”, permitindo compreender o papel acolhedor exercido pela Escola e como a torna crucial no que tange a socialização de quem a frequenta.

A educação nos espaços do samba é dinâmica e adaptável às necessidades e interesses da comunidade. A prática do samba envolve a aprendizagem de histórias, ritmos, letras e danças, que são repassadas de geração em geração, mantendo viva a memória da comunidade. Um aspecto notável é a contribuição das escolas de samba para a educação de jovens em comunidades carentes. Muitas escolas oferecem oficinas de música, dança, percussão e até mesmo cursos profissionalizantes, criando oportunidades para que os jovens desenvolvam habilidades que podem ser úteis tanto na vida pessoal quanto profissional. A prática do samba engloba a absorção de narrativas, cadências, poesias e movimentos, transmitidos ao longo das gerações para preservar a riqueza da escola.

Essas experiências permitiram um entendimento mais profundo da pedagogia empregada e de seus benefícios na formação dos educandos, valorizando o saber ancestral, bem evidenciado no samba enredo de 2023 da agremiação: “Vejo um futuro mais lindo, nas mãos de quem sabe o valor do passado”, salientando que as sementes plantadas pelos mais velhos renderam frutos que hoje estão enredados para que seja exercitado um olhar respeitoso para o passado, para então construir um futuro valioso e potente, que engrandece a educação e a arte como armas transformadoras da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lógica ocidental impõe ao negro a necessidade de se reinventar, afastando-se de suas raízes culturais. Contudo, mesmo ao se esforçarem para se adequar, esses indivíduos continuam sendo vistos como o "outro". Esse paradoxo revela uma

contradição: exige-se que se civilizem, mas nunca são plenamente aceitos como tal. Apesar das pressões para abandonarem suas identidades, formas significativas de resistência emergem no cotidiano dos negros, refletindo uma lenta luta para desconstruir essa noção herdada. Nesse contexto, o samba nos aparece como uma das mais belas e poderosas expressões dessa desconstrução. Como afirma Spírito Santo (2016), o samba, considerado "demais" africano e, por isso, expulso para as periferias, transbordou pelas beiradas e se tornou um dos símbolos mais característicos da personalidade brasileira. O samba é um excelente princípio para se pensar na educação, pois permite que alunos e discentes rompam com o tecido branco da racionalidade moderna que veste a História Ocidental como hegemônica e que, por evidências, sempre fomentou uma superioridade racial sobre a outra através de teorias científicas. A educação deve ser concebida também como um meio de conscientização e um instrumento que fortalece a compreensão dos alunos como agentes sociais. Nesse contexto, a análise do samba e de seus espaços como uma ferramenta educacional poderosa e contrária às hegemonias revela a necessidade de reavaliar nossas concepções de educação, frequentemente permeadas por lógicas eurocêntricas e racistas. É fundamental reconsiderar as abordagens educacionais nas escolas, levando em conta a riqueza cultural que os alunos trazem ao ingressar nesse ambiente. O samba, ainda pouco explorado no âmbito acadêmico e nas salas de aula, se apresenta como um recurso significativo na produção de saberes que, por meio de seu caráter contra hegemônico, ressignificam tanto o lugar quanto a identidade da população negra.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não formal: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J.; STOER, S. R. (Org.). A Sociologia na escola. Porto: Afrontamento, 1989.

ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. Planeta Estratégia, 2021.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memória e produção de saberes em espaços educativos não formais: usos do passado. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 12., 2006, Rio de Janeiro. Anais do XII Encontro Regional de História – ANPUH. Rio de Janeiro, 2006.

BÂ, Amadou Hampatê et al. A tradição viva. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ARAÚJO, Joselaine de; LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Educação não formal: a importância do educador social na construção de saberes para a vida em coletividade. In: Colloquium Humanarum, v. 9, n. 2, 2012, p. 73-78. ISSN: 1809-8207.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, SP: Perspectiva, 2007.

CERQUEIRA, Dagmar Dias; GONZALEZ, Wânia Regina Coutinho. Trajetórias e reflexões sobre educação não formal. Práxis Educacional, v. 12, n. 23, p. 377-404, 2016.

FUHRMANN, Nádia; PAULO, Fernanda dos Santos. A formação de educadores na educação não formal pública. Educação & Sociedade, v. 35, p. 551-566, 2014.

SPIRITO SANTO. Do samba ao funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Escola Sesc de Ensino Médio, 2016.

THEODORO, Helena. Os ibejis e o carnaval. Pallas, 2009.

HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KOFF, Adelia Maria. Cotidiano escolar e cultura(s): dialogando com os resultados de uma pesquisa. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.